

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

TEM HORA PARA TUDO?

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Maria da Graça da Silveira Colissi

Santa Maria, RS, Brasil.

2013

PPGMV/UFSM, RS COLISSI, Maria da Graça da Silveira Especialista 2013

TEM HORA PARA TUDO?

Maria da Graça da Silveira Colissi

Projeto apresentado ao Curso de Pós Graduação em Educação Infantil,
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do grau de **Especialista em Educação Infantil.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sueli Salva

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o artigo.

TEM HORA PARA TUDO?

Elaborado por
MARIA DA GRAÇA DA SILVEIRA COLISSI

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Docência na Educação Infantil

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr^a. Sueli Salva.
(Presidente/Orientador)

Prof. Dr^a. Neusa Maria Roveda Stimamiglio (UFSM)

Prof. Liliane Prestes Madruga (UFSM)

Santa Maria, 13 de julho de 2013.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que representa em minha vida fonte de força.

Ao meu esposo Anibal Colissi, alicerce em todos os momentos.

A Cristiane Schroeder Machado, pelo incentivo e pela força junto ao Curso de Especialização.

A minha filha Natália Colissi, pelas broncas, pelo amor e pela força nos momentos de desespero.

A minha orientadora Sueli Salva, pela amizade, pela paciência, por dividir comigo sua sabedoria e ensinamentos. Obrigada pelas palavras que me levavam a questionar o que estava fazendo, a melhorar, a buscar sempre mais.

A minha irmã do coração Fátima Neusa Gosmann (amigo) pelo apoio, dedicação e disponibilidade no auxílio do meu trabalho.

As colegas e crianças da EMEI Vila Jardim, porque sem eles com certeza este trabalho não existiria.

As minhas colegas da Especialização, fonte de alegria, de amizade e perseverança.

Masculino e feminino

Pepeu Gomes

Ser um homem feminino
não fere o meu lado masculino
se Deus é menina e menino
sou masculino e feminino

Olhei tudo que aprendi
e um belo dia eu vi

Que ser um homem feminino
não fere o meu lado masculino
se Deus é menina e menino
sou masculino e feminino

Olhei tudo que aprendi
e um belo dia eu vi

que vem de lá
o meu sentimento de ser
e vem de lá
o meu sentimento de ser
meu coração
mensageiro vem me dizer
meu coração
mensageiro vem me dizer

salve, salve a alegria
a pureza e a fantasia
salve, salve a alegria
a pureza e a fantasia

Olhei tudo que aprendi
e um belo dia eu vi

Que ser um homem feminino
não fere o meu lado masculino
se Deus é menina e menino
sou masculino e feminino

Vou assim, todo o tempo
vivendo e aprendendo

que vem de lá
o meu sentimento de ser
e vem de lá
o meu sentimento de ser
meu coração
mensageiro vem me dizer
meu coração mensageiro vem me dizer

RESUMO

Artigo Monográfico

Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade Federal de Santa Maria

TEM HORA PARA TUDO?

AUTORA: Maria da Graça da Silveira Colissi

ORIENTADORA: Prof. Dr^a. Sueli Salva

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 13 de setembro de 2013.

Este artigo tem como objetivo refletir a respeito das relações de gênero e sexualidade na educação infantil e surge das observações realizadas na EMEI Vila Jardim, através de momentos de observações, questionamentos e bibliografia própria. Discute-se o papel do professor e da escola ao colaborar com a formação das crianças em relação ao tema da sexualidade infantil e questões de gênero em sala de aula, uma vez que a partir das falas destes educadores percebe-se uma dicotomia entre o que se pensa e o que se faz. Durante as observações percebi o movimento das crianças no sentido de ir além dos papéis estipulados pela sociedade e pela própria escola. A partir do conhecimento do próprio corpo e da sua sexualidade, a criança aprende a lidar com suas dificuldades e a respeitar a si mesmo e ao outro.

PALAVRAS-CHAVE: gênero, sexualidade, educadores, crianças.

ABSTRACT

Artigo Monográfico

Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade Federal de Santa Maria

HAVE TIME FOR EVERYTHING?

AUTHOR: Maria da Graca da Silveira Colissi

ADVISOR: Prof. Dr^a. Sueli Salva

Date and Place of Defense: Santa Maria, September 13, 2013

This article aims to reflect on the relationship of gender and sexuality in early childhood education and comes from observations made in EMEI Garden Village, through moments of observations, questions and bibliography itself. Discusses the role of the teacher and the school collaborate with the training of children in relation to the issue of child sexuality and gender issues in the classroom, since from the speech of these educators perceive a dichotomy between what we think and what we do. During the observations realized the movement of children in order to go beyond the roles prescribed by society and by the school. From the knowledge of the body and its sexuality, the child learns to deal with their problems and respect yourself and others.

KEYWORDS: gender, sexuality, educators, children

SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
INTRODUÇÃO.....	6
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

INTRODUÇÃO

Dizem que nossa vida é pautada pelas nossas experiências e pelas nossas escolhas e eu realmente acredito nisso, uma vez que se hoje estou aqui estudando e trabalhando e porque estas experiências pautaram as minhas escolhas e me levaram a construir o processo de vida que dia a dia venho construindo e compartilhando com aqueles que convivem comigo.

Porém, nada é tão fácil como parece.

Proveniente de uma família pequena, desde cedo assumi a responsabilidade de criar os meus dois irmãos e as lides diárias da casa, pois meus pais com o salário do trabalho não tinham condições de contratar uma empregada para nos cuidar.

Então, desde muito cedo tive a responsabilidade de conduzir, de orientar os meus irmãos. Hoje, pergunto-me do porque desta responsabilidade, já que a diferença de idade entre cada filho é de apenas um ano. Entendo que por ser uma época onde os direitos das mulheres eram muito pouco reconhecidos (década de 70/80) nossas mães direcionavam as responsabilidades e tarefas conforme julgassem serem coisas de “meninas” e coisas de “meninos”. Lembro-me com clareza das broncas quando não dava conta de lavar a louça e ainda por cima cuidar dos meninos. Mas, apesar disso, sempre tive tempo para ser criança. E como foi boa a minha infância. Guardo lembranças mágicas deste período, que com toda certeza me levaram a ser o que sou hoje. Brincadeiras que eram consideradas “de meninos”: carrinho de rolimã, bolita, boco (variante do jogo de bolita – faz-se um buraco e traça uma raia de aproximadamente dois metros de distância do buraco, feito com o calcanhar, o primeiro que jogar a bolita da raia e cair dentro dele, tem a chance de tentar acertar a bolita dos outros e a cada vez que acertar, tira-o do jogo e recebe o prêmio estipulado), futebol (onde eu era a única menina), soltar pandorga, corrida de carrinhos, pular corda, subir em árvores.

Cresci num ambiente de leitura. Meus pais e tias estavam sempre lendo. Pequenos livros de bolso- coleção *bang-bang* e conseqüentemente eu vivia com livros nas mãos tentando ler e decifrar as palavras.

Em 1972, ingressei na escola Municipal Fátima em Canoas-RS. Lembro-me que estava ansiosa e cheia de expectativa quando no primeiro dia de aula, acompanhada pela minha mãe, conheci minha primeira professora e os colegas. Usávamos um guarda-pó branco com sapatos pretos. Até hoje se fecho os olhos, recordo-me deste dia porque apesar de todo o choro das crianças que iam pela primeira vez na escola, eu estava realizada. Estava vivendo o meu maior sonho que era ir para a escola, decifrar aquelas palavras dos livrinhos, aprender a ler, fazer as lições. Este foi um momento que esperei muito, desejei muito e até hoje não me vejo sem estar fora de um banco escolar, sem estar lendo ou estudando algo. Sempre tive, desde a minha mais tenra idade esta fome de aprender e de compartilhar o que aprendo.

Minha primeira professora foi a D.Elza. Recordo que não fui uma aluna exemplar, pelo menos no modo como se concebe o comportamento para meninas como ficar quieta,

dócil, obediente e com seu uniforme sempre impecável. Incomodava muito e vivia de castigo, mas, como já tinha intimidade com a leitura, com as letras, fui uma das primeiras a ser alfabetizada e devido a isso, D.Elza no final do ano falou para minha mãe que eu só estava superando a primeira série porque sabia ler corretamente.

Hoje, percebo que minha professora da primeira série apresentou-se para mim como uma grande motivadora porque sempre me proporcionava atividades de leitura diferenciadas, ajudava-me e quando eu terminava as tarefas colocava-me a ajudá-la com os colegas. Amava fazer isso, ir desvendando com os colegas uma nova sílaba, uma nova palavra...

No segundo ano, mudei de escola e de cidade. Fomos morar em Sapucaia do Sul e do segundo ao terceiro ano frequentei a escola Municipal Dr. Júlio Casado. Lá também tive muitos bons mestres, mas há um que nos marca mais e neste caso foi uma D. América. Ela nos controlava com mãos de ferro, mas era amiga, incentivadora e fazia a ligação entre escola-família.

No ano de 1975, Sapucaia ganhou uma das escolas PREMEN que eram idealizadas nos modelos alemães de construção e estrutura. Esta escola era referência: construção diferenciada, salas grandes, laboratórios... E foi neste ambiente que de 1976 a 1979 cursei da 5ª a 8ª série na E.E. Nova Sapucaia. Neste período, houve um salto de qualidade na minha educação.

O Guianauba era este o nome quando ingressei, era uma escola diferenciada em vários sentidos: tínhamos aulas de técnicas agrícolas, industriais, comerciais e domésticas. Mas novamente mesmo em se tratando de uma aprendizagem formal, os meninos desempenhavam as funções consideradas de homem; aprendiam os ofícios das áreas industriais, agrícolas e comerciais, eles eram educados para serem provedores, enquanto as meninas aprendiam a cozinhar, cuidar do bebê, manter a casa em ordem. O laboratório era dividido em dois ambientes: a sala de aula e uma área onde ficavam os mais modernos equipamentos para pesquisa. A sala de artes tinha um palco onde aprendíamos teatro e música.

A escola contava ainda com uma vasta biblioteca que me fascinava. Nunca tinha visto tantos livros juntos e nos intervalos das aulas sempre estava lá pesquisando, lendo, levando livros para casa.

Contava ainda com vestiários para a prática da Educação Física, tomávamos banho após as aulas práticas, o que na época era considerado algo extraordinário.

Da minha trajetória escolar, esta época é a que mais tenho saudades: respirávamos pesquisa. Vivíamos em feiras de ciências (interna e externa), feiras escolas-indústria, torneios de educação física.

Depois disso, ir para o II Grau foi consequência. Novamente mudei de escola e fui para a E.E. de 1º e 2º Rubén Darío, onde cursei o curso de auxiliar de Ciências Contábeis. Nesta fase, estudava pela manhã e trabalhava em uma agência da loteria esportiva pela parte da tarde e metade da noite.

Deste período, o que guardo de mais relevante foi à tensão que sentimos no último ano, pois havia a preocupação dos professores, e isso me inquietava, pois pressionavam

para que continuássemos a estudar, mas a grande maioria não tinha como manter-se em universidades pagas. Perto de onde morava só tinha a UNISINOS, FEEVALE e a LA SALLE, todas particulares, sem contar que não existiam todos esses programas para financiamento do ensino superior.

Ao terminar o segundo grau, já estava trabalhando em uma loja de departamento, conhecida como MESBLA, desempenhava a função de Auxiliar de Credário, e em virtude disso pude ingressar e pagar a universidade.

Foi um momento de dúvidas e de decisão: que curso optar? Sabia que tinha de ser na área que trabalhasse com pessoas, e hoje me questiono se este direcionamento não estava ligado a minha infância no sentido do cuidar, de ser responsável por algo ou alguém, pois sempre gostei deste contato e tenho facilidade de me relacionar. Excluí as áreas da saúde e as exatas que não eram o meu forte (e por que não era o meu forte? Seria por dificuldades, ou porque fui trabalhada mais nas áreas da comunicação do que as do raciocínio?).

Após muita reflexão, me inscrevi no vestibular da UNISINOS para Serviço Social.

A vida é feita de exemplos e foi em virtude de um exemplo especificamente que escolhi fazer Serviço Social: minha tia Iraci. Durante minha infância e adolescência ela sempre morou longe, mas quando vinha nos visitar preocupava-se com a nossa educação, dava-nos conselhos e incentivava para que continuássemos os estudos. Eu queria ser como ela era: Assistente Social. Foi a lógica que venceu.

Assim, passei no meu primeiro vestibular. Saía do serviço e cursava à noite a Universidade. Era puxado, mas compensador.

Não terminei o curso de Serviço Social. Quando faltava um ano para a formatura casei-me e vim para Santa Maria. Hoje posso me interrogar por que a prioridade foi o casamento e não a conclusão do curso? Sei que o que pode ter contribuído para este desfecho foi que já estava “passando” da idade de casar e a pressão dos familiares e amigos era muito grande. Apesar disso, as escolhas que fazemos sempre nos trazem algum aprendizado e não me arrependo desta opção que tomei. Ela levou-me a outros caminhos.

Fiquei um ano sem estudar, adaptando-me à cidade. Foi um período difícil, mas que acabei vencendo.

No ano seguinte, 1989, prestei vestibular na UNIFRA e na UFSM para Pedagogia. Na UNIFRA era Pedagogia para as matérias pedagógicas (se não me falha à memória) e na UFSM, pedagogia magistério das matérias pedagógicas de 2º grau e magistério para educação pré-escolar.

Fui aprovada em ambas e escolhi a UFSM. Começava outro ciclo em minha vida. A de acadêmica da UFSM. Recordo-me com precisão do trote na Saldanha Marinho, os cabelos e o corpo sujos de ovos, erva e balsemo alemão. As cantorias, o trenzinho, enfim uma tarde que apesar de nos deixar fedendo, ficou marcado para sempre como o início.

Foram quatro anos de muita construção. De participação em vários projetos, de formação de grupos cuja amizade com algumas pessoas ainda mantenho: a Elizabete, a Mônica, a Helenise e a Marlete. Com exceção da Helenise, todas eram do interior e traziam

na bagagem seus sonhos, seus ideais que contribuíram para que hoje eu tenha esta formação acadêmica.

Também tive no curso de Pedagogia professores pelos quais me identifiquei profundamente e outros nem tanto, mas nem por isso deixaram de ser importantes na formação do meu conhecimento.

A Pedagogia nos possibilita ver as coisas com outros olhos. Ela faz com que a gente repense sobre nós mesmos, sobre o que queremos e como queremos.

Ao fazer o meu primeiro estágio de observação pensei: será que tenho condições de estar aqui? Medos, dúvidas... Somente o conhecimento é a certeza de estar fazendo o certo vai nortear a boa prática. Com o auxílio da minha professora de estágio e com a troca de experiências entre os colegas fui me fortalecendo, acreditando sempre mais no meu trabalho, na minha capacidade.

Foram quatro anos que passaram voando. Quando vi já estava no meu estágio final, com a formatura logo ali. Não posso afirmar que tudo foi fácil. O curso propiciou altos e baixos, choros e alegrias e muitos desgastes. Houve vários momentos que pensei em desistir, mas e a confiança em mim, no meu trabalho, nas perspectivas que tinha criado para quando me formasse.

Foram essas dificuldades que me levaram adiante, impulsionavam-me a ser mais crítica, a querer o melhor, a lutar por uma escola pública de qualidade, pois desde que estava na sala questionava os professores do porque do abandono da educação. Tinha o sonho da mudança.

Depois de formada decidi ficar em casa e cuidar da minha filha que na época em que me formei tinha um ano (hoje, percebo que minhas escolhas sempre ou quase sempre foram pautadas pelas experiências da minha infância. Não quis trabalhar e dar continuidade aos meus estudos logo após minha formatura porque queria ser diferente de minha mãe, queria dar a minha filha o que não tive: uma mãe integral, uma mãe que estivesse sempre presente em todos os momentos. Não obstante, sei que se fosse neste momento, não agiria assim. Apesar de não ter sido uma mãe muito jovem, faltava-me experiência e leituras para perceber que não é o tempo que faz a qualidade da relação, mas sim as trocas, as interações, os compromissos assumidos.).

Neste intervalo da formatura até ser chamada para trabalhar, passaram-se quinze anos. Fiz dois concursos públicos, um do Estado e outro Municipal, mas como não obtive uma boa colocação, nunca fui chamada para assumir a vaga no Estado.

Entretanto, durante este período, nunca abandonei a minha formação. Trabalhei por vários anos como educadora voluntária na escola Margarida Lopes, tanto com turmas do pré-B como com as séries iniciais. Participava do Conselho Escolar e sempre que possível participava de cursos e seminários na área de educação. No último concurso para educação realizado pela Prefeitura de Santa Maria, fui aprovada e passei a trabalhar com uma turma de Maternal II na EMEI Vila Jardim.

Acredito que tudo o que fiz, as escolhas e as experiências, levaram-me a ser o que sou hoje: uma professora apaixonada pela sua escola, pelos seus alunos... Que vê o seu

trabalho sendo reconhecido pelos colegas, mas principalmente por aqueles que fazem parte desta trajetória: meus alunos.

Através dos olhos deles, enxergo meu trabalho, reciclo-me e se necessário for começo tudo de novo. E, este entendimento que a Pedagogia proporcionou-me: o de recomeçar sempre, o de lutar e buscar alternativas, o de ser responsável pela mudança.

Portanto, é em busca de novos conhecimentos, de novas experiências, de trocas entre os pares que falam e se preocupam com a educação infantil, ingressei no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil.

A Especialização trouxe para a minha prática novas perspectivas, novos conhecimentos, possibilitando uma maior interação entre as teorias e a prática. Além disso, oportunizou que se formasse uma rede de relacionamentos entre professoras, amigas que falam e buscam a mesma meta: a criança como o centro de todo o processo de desenvolvimento, cuidado, aprendizagem e ludicidade.

Desta convivência e trocas de experiências muitas vezes expúnhamos os nossos problemas diários, as nossas aflições e procurávamos através dos debates e das leituras a melhor forma de saná-las.

Diante destas inquietações, surgiu o problema e a ideia do presente projeto: **“Sexualidade Infantil – desafios e realidade”**, porque este tema há muito me inquietava uma vez que, na minha escola estávamos passando por algumas dificuldades para trabalharmos a sexualidade infantil, propus-me a aprofundar os estudos de que maneira as nossas escolas estão preparadas para abordar este tema e o mais importante como o professor trabalha estas questões expressas pelas crianças nos contextos educativos.

A partir disso, a pesquisa tem como objetivo geral proporcionar ao professor informações e conhecimentos relativos à sexualidade infantil, bem como refletir a cerca dos preconceitos sobre sexualidade, buscando um processo de ressignificação e outras possibilidades de compreensão.

Para dar conta deste objetivo maior, procurei construir espaços de discussões sobre a prática do dia a dia, buscando o diálogo e a troca de experiências entre os professores a cerca do tema; criar junto à escola um espaço permanente de formação continuada onde o professor possa estar recebendo orientação consistente que lhe garanta uma atuação qualificada, que ultrapasse o campo da moral e da improvisação, garantindo assim, apropriação teórica relativa ao tema sexualidade; formação de grupos de estudos que envolvam escola-família; fundamentar teoricamente o que se compreende por sexualidade e gênero através de bibliografias inerentes ao assunto.

O trabalho de pesquisa foi realizado por meio de discussões com o grupo de professoras da Escola Municipal de Educação Infantil Vila Jardim, turmas do Maternal II A e B, Pré-Escola A e B, localizada na Vila jardim, zona periférica da cidade de Santa Maria.

Para dar suporte a estas reflexões e, quem sabe, a construção de novas maneiras de compreender esta problemática, eu utilizei: a) questionário, para entender o que os professores pensam acerca do tema ao mesmo tempo em que ao respondê-lo os professores possam estar refletindo sobre suas informações; b) revisão da literatura pertinente ao tema;

c) observação livre do contexto escolar, da sala de aula; d) utilização de textos e áudio visuais como suporte para reflexão e discussão do grupo.

No primeiro momento, o foco do trabalho está voltado para a observação do contexto escolar e as relações entre os educadores e as crianças e de como se processa as práticas a fim de conhecer interações, valores éticos, conceitos e preconceitos que as permeiam.

Após esse processo de observação, passo para o segundo momento, onde o foco é compartilhar com os professores, através de encontros, estas observações bem como, levá-los a refletir sobre suas práticas diárias e o porquê de se estar discutindo sexualidade no currículo da Educação Infantil. A base para estes encontros de reflexão serão os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1987), e textos de autor como Silva (2007), Louro (1999) e principalmente, Jane Felipe (2012) que diz que é preciso reconhecer a que a escola não é uma instituição isolada da cultura e do seu tempo histórico. Dessa forma, a sexualidade, as desigualdades de gênero ou sexismo ou quaisquer outros preconceitos estarão presentes nas nossas instituições escolares e afeta o desenvolvimento infantil.

Como terceiro momento de trabalho, o foco será o questionário entregue aos professores para ser respondido. Este questionário busca compreender: o que o educador entende por relações de gênero? O que entende por sexualidade? Como o educador lida com as manifestações da sexualidade dentro da sala de aula? Existe alguma diferenciação entre meninos e meninas na hora da brincadeira (recreação), ou durante o cotidiano escolar? Existem grupos pré-definidos na sala de aula, só de meninos ou só de meninas (quando o professor pede para que as crianças formem equipes)? Quais comportamentos característicos você considera “típicos” de meninas, “típicos” de meninos? Em relação ao desempenho escolar existem diferenças entre meninos e meninas ou apresentam habilidades diferentes em alguma atividade escolar? Se sim, o que você considera ser a causa desses desempenhos? Para você, que papel a escola deve desempenhar no que tange as questões de gênero e sexualidade?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho foi concebido para compreender o tema sexualidade infantil, bem como orientar os professores que atuam nesse nível de ensino na escola a qual eu atuo, com vistas a compreender as manifestações e expressões da sexualidade pelas crianças da educação infantil. Tem-se como prerrogativa pensar a sexualidade sob a ótica do adulto e como uma manifestação apenas do adulto, no entanto, a sexualidade da criança está relacionada ao desenvolvimento emocional que vem desde a infância. As manifestações da sexualidade da criança ocorrem desde o nascimento até a puberdade.

Para Silva (2007), compreender a sexualidade infantil é ir além do desenvolvimento sexual. É estar atento ao desenvolvimento emocional da criança. Levar em consideração seus desejos, suas necessidades como um todo. O corpo todo é erótico, pois é através dele que a criança possui seu primeiro contato com a natureza, com o mundo. É a partir desse contato com o mundo que a criança possui a sua primeira sensação de prazer. Portanto, o prazer não está só na relação sexual, no ato sexual ou na masturbação. (SILVA, 2007, p. 52).

Tendo então, como ponto de partida as vivências da prática escolar e os debates entre o grande grupo nas aulas de especialização, pois conforme o assunto vinha à discussão, fui observando que não tínhamos uma formação teórica que servisse de base para responder os questionamentos que não fosse a improvisação e os valores morais.

Da mesma forma, comecei a questionar como lidávamos com a sexualidade dos nossos alunos, que respostas dávamos a eles quando se fazia necessária intervenção, como lidávamos com as famílias, com os colegas.

Neste aspecto, observei que os professores de minha escola não sabem como intervir ou lidar com as manifestações da sexualidade na sala de aula. A maioria quando se depara com uma situação que necessite de intervenção usa o termo “*são crianças pequenas, é coisa de adulto; tem hora para tudo*” ou dizem que *respeitam a individualidade de cada um não explicando como*.

Em várias oportunidades, observei a frequente preocupação de pais e professores com a manifestação identidade de gênero¹, consideradas precoces em crianças, associadas às práticas em parceria com o mesmo sexo, indicando temores quanto á homossexualidade.

O maior medo dos pais que veem seus garotos brincando de casinha é de que eles adquirem tendências homossexuais, não percebendo assim, que este momento rico de construção de valores, personalidade, de partilha de responsabilidades entre os gêneros

¹ Utilizo a expressão identidade de gênero, para diferenciar da identidade de sexo. A identidade de gênero considera a experiência interna e individual de cada pessoa que pode não corresponder ao sexo biológico. (BRASIL, 2010)

acabe se esvaindo no senso comum e no preconceito. Ficam indignados e querem uma intervenção rápida da escola. Muitas vezes, há professores que não questionam os modelos sociais e acabam interferindo nas atividades para atender as famílias.

Atitudes como a masturbação infantil, trocas de afeto com o amiguinho ou amiguinha do mesmo sexo e, até mesmo, gosto por brinquedos que comumente dizemos ser do sexo oposto são atitudes, muitas vezes, incompreensíveis e mal vistas pelo meio adulto.

Nesse sentido, parece que o primeiro passo é o educador trazer para si os questionamentos que o aluno endereça para ele: seria brincar de boneca atividade apenas para meninas? A masturbação é algo errado a ser feito? Pode uma criança tocar no corpo de outra? As respostas para essas e outras tantas perguntas conduzem a maneira pela a qual o educador irá encaminhar sua postura em relação ao tema. Muitas vezes o professor não teve a oportunidade de ter uma formação em relação a isso, também não teve oportunidade de questionar-se acerca do comportamento humano em relação à sexualidade, para, assim, entender a sexualidade infantil e orientar o aluno em suas decisões. A sexualidade é um tema recorrente na vida da criança, mas ainda se mostra como um enigma, como um tabu.

O discurso religioso que exerceu influencia no controle e vigilância dos corpos, parecem reeditar-se no contexto escolar que organiza os espaços da sala, a organização das mesas, os pátios, as formas de sentar, os espaços do brincar, de dormir de forma a exercer o controle dos corpos. Ao mesmo tempo em que a escola nega a existência de uma sexualidade infantil, também elabora estratégias de controle para que ela não desperte curiosidade ou se manifeste.

Por essa razão, alguns professores preferem ignorar as expressões da sexualidade infantil tomando a posição de reprimir os comportamentos dos alunos que remetam a essa questão. Portanto, observa-se que a concepção de trabalhar a sexualidade da criança é raramente encontrada no contexto escolar entre os educadores que encontram nas diversas formas de repressão, a saída para a expressão infantil da sexualidade.

Para Foucault (1984), *o prazer é algo natural e ativo no individuo. O prazer é busca constante do ser humano, assim também a criança em suas manifestações sexuais está em busca do prazer.* De acordo com as necessidades da criança, a escola e o professor devem trabalhar a moral com a mesma intensidade, transmitindo-lhes valores e conceitos sociais ao qual está inserida. A descoberta sexual exige do professor empenho e conhecimento para ensinar a criança como lidar com a sua sexualidade, respeitando a do outro.

Diferente dos pais, que tem o direito de passar valores às crianças, os professores têm o papel de esclarecer sem repassar suas opções pessoais. Preconceitos e valores não podem fazer parte da rotina do professor.

Segundo Louro (1999) a escola deve propor a discussão sobre a sexualidade em sala de aula. Ela busca discutir a orientação sexual para crianças sob uma perspectiva em que a

sexualidade constitui o sujeito em todas as etapas de sua existência, o que requer da escola uma dedicação continuada a essa temática, e não apenas em atividades localizadas.

Na educação infantil, as crianças descobrem a si próprias e, também, ao outro. E o professor, através de uma formação adequada consegue mediar à descoberta desse outro, propondo outros olhares sobre a questão, outras possibilidades que ao mesmo tempo em que auxilia seus alunos nesta descoberta também mexe com seus preconceitos, com suas ideias prontas.

Jane Felipe (2000), afirma que a escola não é uma instituição isolada da cultura e do seu tempo histórico. Dessa forma, a sexualidade, as desigualdades de gênero ou quaisquer outros preconceitos estarão presentes também nas instituições escolares, afetando o desenvolvimento infantil, pois as crianças são educadas a partir de determinadas convicções dos adultos em relação a elas e ao mundo.

Segundo Felipe (2000), o conceito de gênero surgiu para se contrapor a essa ideia de uma “essência” ou de uma “natureza” para explicar os comportamentos masculinos e femininos. Ou seja, gênero como as diferenças nas relações entre homens e mulheres, produzidos cultural e socialmente dentro de um espaço e tempo determinados.

Dentro da análise dos questionários, destaco que não há uma unanimidade sobre o que sejam relações de gênero. Para a maioria dos professores, *relações de gênero marcam as diferenças entre ser homem ou mulher e elas podem ser percebidas no dia a dia através das brincadeiras, ações e situações.*

Assim, se educarmos as crianças a partir dos preconceitos de gênero, que a sociedade reforça com os papéis definidos previamente ao gênero masculino e feminino, estará limitando as experiências de ambos, porque quando delimitamos os papéis que achamos ser inerentes a determinado gênero reforçamos o sistema cultural, ou seja, meninos não choram, por exemplo, e com isto os impedimos de desenvolver a sensibilidade e a expressão de seus sentimentos.

São os adultos que esperam de meninos e meninas comportamentos específicos. Os pequenos não estão nem um pouco preocupados com as regras que definem papéis diferentes para eles ou elas. O que querem é se divertir! Até os três anos, em média, as crianças não encaram as características biológicas como diferenças. Mas, se repreendidas ou ridicularizadas quando não fazem as escolhas consideradas corretas, aprendem, além de existir homens e mulheres e não serem iguais existe um modelo de masculinidade e feminilidade e uma relação de poder entre eles.

Trabalhar esses padrões e expectativas é função do professor porque disso depende também a construção da identidade dos pequenos. A formação da identidade passa pela descoberta do próprio corpo, de sua importância no mundo e da individualidade, mas

também pela observação de atitudes, costumes, referências e exigências em casa e na escola.

A sociedade está mudando, assim como os papéis do homem e da mulher. Discutir as relações de gênero é, antes de tudo, atribuir novos significados à nossa própria história e cultura, diz Daniela Finco (2003).

Essas novas significações nos levam a derrubar a ideia de binário rígido nas relações de gênero, mas para que isto realmente aconteça temos que ser capazes de um olhar mais aberto, de uma problematização mais ampla e mais complexa, que terá de lidar com as múltiplas e complicadas combinações de gênero, sexualidade, classe, etnia, raças.

Contudo, ao mesmo tempo em que polariza o gênero masculino/feminino, a escola também constrói uma série de situações que representariam um “*cruzamento de fronteiras*”, ou seja, situações em que as fronteiras ou os limites são atravessados.

E é no comportamento do dia a dia que se observam como estas fronteiras podem e devem ser atravessadas. Pela curiosidade, pela exploração e consciência do seu corpo e dos que a rodeiam, a criança vai construindo seus interesses, suas próprias teorias de como se originam as relações de gênero e sexualidade. Vivenciando e estabelecendo novas relações através das brincadeiras sua atenção é voltada para seu corpo, para o seu prazer e isto começa já no berço, com a primeira percepção de prazer: o ato de mamar, uma ação que dá alívio ao desconforto da fome e que intensifica o vínculo afetivo, baseado na sensação de cuidado e acolhimento.

Aos poucos, a criança vai percebendo que a ligação com sua mãe vai sendo estendida a outros membros do contexto familiar e fora dele. Estas relações vão dar referência à criança sobre sua própria identidade e interagindo com os amigos, ela percebe a si mesma. Estas percepções podem ser observadas quando a criança utiliza de recursos como o faz de conta e a imitação.

Através do faz de conta, da imitação e das brincadeiras as crianças dão sentido às experiências por que passam e reproduzem suas relações com as pessoas ao redor. Impedir que meninos ninem uma boneca, por exemplo, é uma das piores formas de censura. Os garotos têm visto pais, tios e amigos da família dividindo os cuidados dos filhos com as mulheres. Ao reproduzirem esse novo modelo de masculinidade é considerado fora das normas construídas pela cultura e que delimitam os papéis de homens e mulheres.

São os adultos que esperam que os meninos sejam de um jeito e as meninas de outro. Por conta disso, diferente dos pais, a escola pode atuar de forma mais isenta, porque o professor em virtude de sua formação pode auxiliar na compreensão desta problemática e atuar junto às famílias e as crianças fazendo encaminhamentos, alicerçados no conhecimento e em estudos com seus pares, levando-os a uma compreensão reflexiva e crítica a cerca do tema.

Finco (2003, p.96), analisa a Educação Infantil como um espaço para a construção e desenvolvimento das relações sociais entre as crianças. "As fronteiras entre os gêneros se dissolvem e meninos e meninas interagem descontraidamente, não mantendo nítidas as divisões de gênero, estando, por vezes, separados e, em outros momentos juntos."

Numa brincadeira entre crianças de 4 a 6 anos que precisavam formar duplas para dançar, a professora deixou que cada criança escolhesse seu par. Houve menina que escolheu menina para dançar, menino com menino, menina com menino; o que proporcionou ao grupo que assistia a brincadeira uma reflexão sobre o porquê de o menino ter que dançar com a menina. Trabalhou-se a questão de que o afeto pode circular livremente; não se trata ainda, nessa faixa etária, de imaginarmos que vão se tornar um casal.

Para a psicóloga Yara Sayão (2005), nenhuma criança nessa idade está pensando na escolha de um parceiro, a sua sensualidade ainda não está organizada dessa forma. E pode ser danoso a ela começar a ser taxada disso ou daquilo.

Nessa idade, é comum às crianças brincarem de "troca-troca", "papai e mamãe", e outras brincadeiras. O que elas buscam é um companheiro (a) para brincar e vivenciar os momentos agradáveis da brincadeira. Segundo FRIEDMANN (1992, p77), "[...] brincar é o mais completo dos processos educativos, pois influencia o intelecto, a parte emocional e o corpo da criança".

Observando as crianças no pátio, percebi que elas (meninos e meninas) trocavam de papéis, brincavam de casinha, de bola, de carrinho deixando de lado, o preconceito em relação ao gênero, oportunizando que as mesmas manifestassem seus sentimentos e emoções.

A própria teoria freudiana nos aponta que todas estas experiências que ocorrem na infância, influenciam na vida psíquica e sexual da criança. Para Freud (1997), o indivíduo encontra prazer no próprio corpo e através dele vai-se descobrindo a si e ao mundo ao seu redor, chocando a sociedade de uma época ao falar de sexualidade infantil – rompendo com a imagem da criança inocente, assexuada.

Os professores envolvidos neste estudo percebem suas crianças como seres sexuais e reafirmam que *a sexualidade é parte integrante do ser humano*, que está relacionada ao carinho, a afetividade, aos diversos jeitos, maneiras, hábitos que as pessoas usam para obter ou expressar prazer.

É durante a Educação Infantil, que além de explicações sobre anatomia e concepção, os pequenos vão aos poucos construindo ideias sobre cada gênero. Ele percebe se é do sexo feminino ou masculino e no contato com os adultos ao seu redor e pela mídia, aprende o que é ser menino ou menina em sua sociedade e, claro, tem contato com os rótulos

associados a eles. Logo percebem que se espera que o homem seja forte, não chore, cuide da família e que a mulher seja frágil, delicada e submissa.

Nesse aspecto, a escola tem um papel importante. A maneira como a instituição lida com as diferenças físicas e a igualdade de oportunidades são maneiras de ensinar o respeito à diversidade. Para que isso ocorra, é fundamental que a escola seja um local democrático, aberta as discussões sobre sexualidade na medida do possível, não só com o aluno, mas também com a família.

Cabe a escola ainda a responsabilidade de explicar as regras da cultura em que as crianças estão inseridas. É preciso que elas saibam o que cabe no espaço público e no privado. A masturbação, por exemplo, requer um espaço privado para ser realizada, assim como urinar e defecar. Ao ver uma criança manipulando sua genitália em local público, o professor deve intervir, mas não repreender a criança apenas porque ele mesmo está incomodado. O foco não pode ser a ação, mas sim o local apropriado.

As crianças, na maioria das vezes, querem apenas imitar os adultos. Os pequenos veem os atores se beijando na televisão e querem fazer o mesmo. Nessas horas, é importante ressaltar que isso não é coisa de criança. Observei um menino de quatro anos que não tirava a mão do pênis. Aproveitando a situação, contei uma história para a turma sobre corpo e prazer. Falei que era gostoso tocar partes do corpo, mas que na escola e diante das outras crianças, não era local para isto. Porém, quando incluída no processo de ensino como forma lúdica, se torna possível para o profissional da educação infantil, e passa a ser mais bem compreendida pelas crianças.

Somos sabedores do desafio de concretizar um atendimento de qualidade na educação infantil. Não podemos esquecer-nos de pontuar que para melhor trabalhar o tema sexualidade, cabe ao educador desprender-se de valores e preconceitos, dessa forma não haverá imposições de valores pessoais ou julgamentos moralistas no trabalho com as crianças.

Portanto, o contexto escolar pode proporcionar a criança o contato com o meio e com a sua própria sexualidade, por meio da interação com outras crianças e da aprendizagem de novos conhecimentos que a preparam para a sociedade. O trabalho pedagógico é feito por meio da atitude do professor e de suas intervenções diante das manifestações da sexualidade dos alunos em sala de aula. Consciente de seu papel e centrado no conhecimento, o professor faz as intervenções necessárias, orientando as crianças de maneira que estas descubram seu corpo de modo natural e prazeroso.

Sendo assim, a construção deste projeto buscou nortear a desconstrução de padrões de sexualidade, partindo da linguagem e das ações com as quais as educadoras introduzem as discussões em sala de aula.

Enfatizo que a escola não apenas reproduz modelos de normalidade, mas também os engendra, visto que, nos dias de hoje, diante da velocidade de informações veiculadas pela mídia, a escola torna-se inofensiva, quando, ao abordar a orientação sexual, restringe a sexualidade humana apenas a um conteúdo anatômico fisiológico. Além disso, o professor e o projeto pedagógico precisam desenvolver no aluno a capacidade crítica e a reflexão sobre o tema. Nesse sentido, parece que o primeiro passo é o educador trazer para si os questionamentos que o aluno endereça para ele: seria brincar de boneca atividade apenas para meninas? A masturbação é algo errado a ser feito? Pode uma criança tocar no corpo de outra? As respostas para essas e outras tantas perguntas conduzem a maneira pela a qual o educador lida com a própria sexualidade e, conseqüentemente, irá encaminhar sua postura em relação ao tema. De acordo com Silva (2007) a masturbação é algo natural no desenvolvimento da criança, porém não deve ocupar toda a sua atenção, atrapalhando-a em suas atividades e brincadeiras. Caso isso ocorra, o professor deve estar atento ao seu comportamento verificando o tempo no qual isto está acontecendo, o contexto familiar ao qual a criança está inserida. Para Silva (2007, p. 82): *(...) o mais importante é que o educador ou pais ou profissionais da saúde possam, partindo de uma reflexão prévia sobre o assunto e utilizando sua capacidade de observação como instrumento, compreender a sexualidade da criança como um aspecto de vida, e suas várias formas de expressão, inerentes ao ser humano. A criança desde tenra idade expressa sua sexualidade de forma natural nos mais diferentes contextos de sua vida.* A escola não deve ser alheia a esse processo, gerando impactos aos contextos sociais nos quais a criança se insere. O professor deve ter conhecimento sobre o desenvolvimento integral da criança para, assim, entender a sexualidade infantil e orientar o aluno em suas decisões. A sexualidade é um tema recorrente na vida da criança porque se mostra como um enigma. Por essa razão, alguns professores preferem ignorar as expressões da sexualidade infantil tomando a posição de reprimir os comportamentos dos alunos que remetam a essa questão.

Diante disso, observei que a concepção de trabalhar a sexualidade da criança é raramente encontrada no contexto escolar entre os educadores que encontram nas diversas formas de repressão, a saída para a expressão infantil da sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado procurou mostrar como os educadores veem e trabalham a sexualidade infantil e sua importância para o desenvolvimento da criança, uma vez que, a partir da compreensão deste tema, o educador e a escola podem trabalhar e orientar de forma significativa a descoberta da sexualidade da criança e suas manifestações.

A criança expressa sua sexualidade a partir de seu comportamento afetivo e social vivenciado desde o nascimento. A criança explora o prazer, por meio dos contatos afetivos e as relações com o mundo externo. Com isto, o educador é instado a pensar em atividades que promovam aprendizagens em relação a corpo, gênero e sexualidade na educação infantil. O desenvolvimento de tal processo requer, sobretudo, romper com a acomodação e a alienação.

Portanto, o educador deve ser atento e se conscientizar de todas as mudanças ocorridas na criança para orientá-la na descoberta da sexualidade e no seu papel na sociedade. Esse assunto não costuma ser abordado nos cursos de Pedagogia, tão pouco na especialização ou Magistério, para os futuros professores em formação, mas tem se tornado cada vez mais necessário dentro das salas de aula, já que a realidade escolar exige melhor compreensão da sexualidade infantil. Esta não é uma tarefa fácil de ser realizada. Entretanto, observa-se que durante o trabalho formativo, o educador constrói barreiras, demonstra resistência para discutir o tema, preferindo manter os posicionamentos já construídos. Percebi que no momento de responder as questões, o discurso é um e a prática outra.

Sendo assim, encontrei por parte dos colegas certa “*resistência*” em colaborar com o andamento do trabalho. Durante os estudos e questionamentos, fui observando que nós educadores temos muitas “amarras” quando temos que falar sobre o nosso corpo e nossa sexualidade. É difícil envolvermos as crianças neste assunto porque ainda estamos agregados a valores éticos e morais, a representações tradicionais e conservadoras da sociedade como religião, a medicina, política, a mídia e a conceitos internalizados de que a *criança não sabe o que diz, não tem conhecimento, é muito pequena para uma explicação mais detalhada e digo para ela: isto não é coisa de criança*, isentando-me assim do meu papel de formador de cidadãos.

Talvez por isso a sexualidade infantil seja mais autêntica nas crianças em geral porque, ao contrário dos adultos, elas não precisam provar nada a ninguém e também não estão preocupadas com os padrões de normalidade que a sociedade impõe aos adultos.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília 1996

BRASIL, **Gêneros, adolescentes e jovens para educação entre pares – Saúde e Prevenção nas escolas**. Ministério da Saúde e Educação, 2010.

FELIPE, Jane; PRESTES, Liliane M. Erotização dos corpos infantis, Pedofilia e Pedofilização na Contemporaneidade. IX ANPED SUL 2012

_____; GUIZZO, Bianca S. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. Revista Pró-posições, v. 14, n° 3 (42), set/dez. 2003.

FINCO Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. In: Pro-posições, campinas: v.14, n.3 (42), set/dez. 2003.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: o uso dos prazeres. 9. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FRIEDMANN, Adriana. O brincar na educação: passado, presente e futuro. Disponível em: [HTTP: // WWW.moderna.com.br_new/didáticos/ei/artigos/2007/abril-01.htm](http://www.moderna.com.br_new/didáticos/ei/artigos/2007/abril-01.htm), Acesso em 20. Mar.2013.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. ____ (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

_____. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis. Vozes. 1997.

SAYÃO, Iara. Sexo se aprende na escola. Revista criança – do professor de educação infantil, set/2005.

SiLVA, Katy; LUNT, Ingrid. Iniciação ao desenvolvimento da criança. Trad. de Marcelo Cipolla. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.